



## LEGENDA

PARA O RUY CINITTI

estrangeiro:

se num dia rasgado e calvo  
parares na casamata onde me deixei acre  
jazente com um sabor frágil a ossos e um lenço lilás  
avisa minha mãe que me espera em álcool  
minha mãe que vive um pouco acima  
entre a baioneta e a dúvida  
que a espuma e a alegria não me deixaram falar,

que morri com um obús espetado nos ouvidos  
e a mesma ânsia em prolongar.

que não fui o que ela esperou,  
o príndigo de sonhos mapa-mundi  
mas que guardej adesivos nos pulsos  
e que a clava e o ódio o não choraram,

e que mesmo desfigurado  
também espero de casaco ao vento  
as pálpebras em binóculo  
também morri por umas termópilas  
sem trezentos hipócritas frustrados  
nem rei dos reis de cenários de cão  
por sílabas dentadas de todos os irmãos.

avisa minha mãe:

a minha morte num lenço lilás  
será uma vela sem grades  
uma enseada de sangue caolhado  
onde mantenho os meus braços da árvore em desafio.

MÁRIO BEJA

2

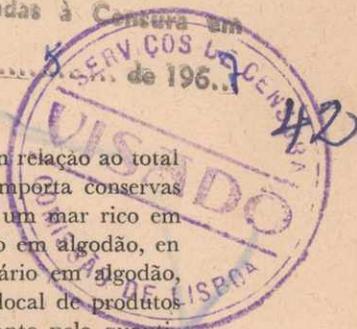


## HAITI: CASO LIMITE DE SUBDESENVOLVIMENTO

A República do Haiti com uma superfície de 28.750 km<sup>2</sup>, dos quais 4/5 são montanhosos, situa-se «no mundo dos países tropicais» pela sua latitude e no mar das Antilhas pela longitude. Podem distinguir-se três tipos de formas topográficas de vocação económica diferente: até aos duzentos metros, as planícies, favoráveis à cultura do açúcar, acima de quinhentos metros, as montanhas propícias ao cultivo do café e, entre as duas, as altitudes médias de vocação variável. A fertilidade do solo varia desde planícies pobres às colinas e vales dos rios de fertilidade crescente. Clima de temperaturas normalmente elevadas, amplitudes anual e diurna, respectivamente, fraca e acentuada. Grande riqueza marinha, no entanto, mal aproveitada e, rios e ribeiras que esperam a sua utilização para a irrigação e exploração das suas quedas.

A sua população é de 4.500.000 habitantes (sendo em 1804 de 500.000 habitantes), População formada na maioria por negros (descendentes de escravos) e mestiços (descendentes por cruzamento com antigos «senhores» brancos). Da coexistência destes dois grupos se originou a chamada «question de couleur»: «sub-produto do racismo branco, situando o negro face ao mestiço ocupando o último o ponto mais alto da escala social, «Da superioridade do Caucasiano sobre o africano aparece a superioridade do mais claro sobre o mais escuro». Problema radicado em questões de ordem económica depressa se transformou numa «oposição de mentalidades» que, é, em suma, um problema de carácter político e social. Prevalece uma colónia francesa desde meados do século XVII (a língua oficial é o francês, ensinado nas escolas e, falado deficientemente pelos camponeses, sob a denominação de creole), vivendo em regime radicado na escravatura que, mantém a produção da grande propriedade, sem preocupações sobre a venda de produtos. Em 1804, depois de alguns anos de luta iniciada por uma revolta de escravos, o Haiti torna-se independente, definindo-se territorialmente em 1844 depois de dividida a ilha em dois estados distintos. A partir desse momento o país é dirigido por uma nova classe burguesa, formada por mestiços, substituta dos antigos colonos brancos, beneficiando apenas os interesses próprios por meio de chefes militares bem controlados. Prevalcem, a ignorância e, a escravidão do povo. Em 1915 é iniciada a «protecção» Norte Americana, que não é mais do que a ocupação militar e respectivo control financeiro e económico, que irá durar até 1934 (com a evacuação militar), depois «de uma crise de decomposição do sistema tradicional e uma anarquia política e financeira», não se alterando os hábitos do sistema tradicional: mantêm-se os regimes controlados por uma burguesia preocupada apenas com os seus interesses, estagnando o progresso político, económico, cultural e social do país, em constantes golpes de estado e crises sociais derivadas de uma incapacidade de direcção das estruturas tradicionais e respectiva ineficácia na resolução do problema Haitiano.

Daqui resultou uma dependência económica para com países estrangeiros, particularmente com os Estados Unidos da América do Norte, e graves problemas relativos ao comércio externo e à situação da agricultura.



A importação de bens de consumo que, é a mesma de há décadas, em relação ao total das importações, ultrapassa sempre os 50%; dos produtos alimentares importa conservas de carne, peixe, leite, manteiga, exportando contudo carne e possuindo um mar rico em peixe; do mesmo modo incompreensivo, se importam artigos de vestuário em algodão, em peixe; do mesmo modo incompreensivo, se importam artigos de vestuário em algodão, enquanto o país exporta esta mesma matéria. A produção da indústria local de produtos alimentares e artigos de vestuário não está à altura dos consumidores tanto pela quantidade como em qualidade. Donde, a produção nacional decrescente é acompanhada por uma importação estabilizada tendente a aumentar. Para este facto é também significativa a importação de bens de equipamento e energia. Com uma rede de estradas miserável, apesar dos transportes se fazerem quase exclusivamente por elas, (o seu estado de conservação é reconhecido oficialmente pelo governo: 554 km utilizáveis todo o ano, 1345 km utilizáveis na época seca e 935 km não utilizáveis), o Haiti importa todos os anos centenas de automóveis de luxo, na maioria americanos, diminuindo o número de camiões, camionetas e carrinhas, e possuindo o país vinte e uma ambulância e 15 carros funerários. A percentagem de importações de maquinaria e equipamento industrial decresce, continuando a utilizar-se maquinaria gasta ou ultrapassada. A importação de fontes de energia (gasolina, nafta, benzina, Kerosene, etc.), mantem-se. As exportações são fundamentalmente agrícolas, exceptuando alguns productos de artesanato e minerais de cobre e bauxite, explorados por duas companhias norte americanas. O café ocupa o primeiro lugar em exportações e valor global, entre os produtos exportados. Café, sisal e açúcar, somam 80% do total das exportações.

A propriedade agrícola caracteriza-se pela existência de latifúndios particulares, sendo as terras boas(em grande parte em pousio) do Estado que é o maior proprietário e o maior absentista não as explorando directamente mas por meio de companhias norte-americanas e minifúndios com tendência a desagregar-se, devido a vendas e regulamentos de sucessão. O camponês encontra-se desintegrado social, política, cultural e economicamente, sem os conhecimentos técnicos mais essenciais, sobrecarregado de pesadas taxas fiscais, analfabeto e ligado a mitos e crenças de carácter religioso reguladores dos métodos de trabalho e do destino dos seus frutos. A dispersão habitacional que o caracteriza, constitui grande dificuldade para o fornecimento de equipamento colectivo, serviços de ordem higiénica, escolar, médica, farmacêutica etc.

A rede de estradas, irrigação, adubagem, tratamento de sementes e orientação de culturas são perfeitamente ineficazes. Não existem métodos tecnológicos actualizados nem uma organização de crédito de produção e venda.

A acrescentar que a agricultura não está racionalizada e se caracteriza ainda pelo absentismo dos proprietários.

Este é o quadro da agricultura na república do Haiti.

A população haitiana vive num estado de sub-desenvolvimento dramático comó pôde testemunhar a sua ficha sinaléctica: (1):

- Renda anual por habitante — 64 dólares
- Consumo de energia por habitante — 0,03 tonelada carvão
- Consumo de cimento por habitante — 19 kg.
- População agrícola activa — 83,2%
- População urbana — 17%
- Analfabetos — 89%
- Taxa de escolarização efectiva primária — 24%
- Taxa de escolarização efectiva secundária — 1,7%

(1) Jacques André: Deuz Aspects du Sous-Développement D'Haiti in Frères du Monde 43/44.



Coexiste em dois mundos profundamente diferentes: o rural e o urbano. No primeiro podem distinguir-se vários grupos bem diferenciados: 1-70% de população agrícola constituída por pequenos proprietários de terras, das quais possuem cerca de 10%, pratica fundamentalmente culturas para seu próprio consumo, sendo explorados pela administração nas pequenas vendas dos seus produtos por meio de taxas, intermediários, ou ainda pelos preços que são levados a oferecer pelas condições de miséria em que vivem. Podem também considerar-se neste grupo: artífices, pequenos criadores de gado e pescadores não só pelos seus recursos como pelas suas condições de vida; nomeadamente o analfabetismo, a dispersão dos centros habitacionais, todo um complexo cultural e religioso, contribui para que um processo de tomada de consciência se não realize nesta camada social; 2 — o grande proprietário da terra de carácter semi-feudal, que vive dos arrendamentos, rendas preferenciais aos camponeses sem terras e ainda da «coubite», que consiste em dias de trabalho pagos apenas com a alimentação; é esta a personagem central da terra e, pelas vendas que efectua e propriedades que possui torna-se muitas vezes na autoridade militar e administrativa; 3 — uma burguesia proprietária de plantações de tipo capitalista, dentro da qual existe um sector nacional, ligado contudo ao capital estrangeiro com quem negocia e 4 — um sector estrangeiro norte-americano. 5 — O proletariado utilizado como força de trabalho, com um horário de 12 a 14 horas diárias, não possui quaisquer facilidades em se organizar ou tomar consciência das próprias dificuldades. 6 — o intermediário, que comporta duas categorias, uma primeira entre o camponês produtor e o exterior que comercia com os produtos de exportação e é quem decide o preço a pagar ao produtor conforme lhe é comunicado pelas firmas de exportação que, por sua vez estão sujeitas às flutuações do mercado internacional; e uma segunda, entre o camponês produtor e o comércio local que especula com produções locais destinadas ao consumo interior. O intermediário em geral é fundamentalmente caracterizado, por um parasitismo que deriva da sua actividade especulativa e uma mobilidade dentro da camada que provém da sua instabilidade económica.

No mundo urbano podem distinguir-se duas facções dentro da burguesia: uma não imediatamente ligada à produção, trabalhando ao serviço do imperialismo no aparelho do Estado (altos funcionários, políticos com altos emolumentos) ou no mundo dos negócios (gerentes, membros dos conselhos de administração, grandes intermediários entre grandes firmas comerciais estrangeiras e pequenos e médios comerciantes locais); facção pouco desenvolvida devido à fraca penetração do capital dos E. U. A.; aliados certos destes últimos, pois é condição *sine qua non* para a sua existência e desenvolvimento dos seus interesses, o capital estrangeiro. O outro sector da burguesia é constituído por uma burguesia industrial de capital nacional cujos investimentos resultam em benefício da nação, com ligação com os Estados Unidos através do seu equipamento e das suas vendas, constituída na maioria por mestiços é, tanto pelo seu número como economicamente, pouco importante; este grupo é caracterizado por um pavor pelas massas populares, afastado de qualquer ordem revolucionária devido às experiências das burguesias sul-americanas a Cuba e à propaganda norte-americana.

O proletariado constituído por uma muito pequena parte da população activa é uma massa de analfabetos, que vive em condições deploráveis da venda da sua força de trabalho à burguesia nacional e estrangeira. As tentativas de organização e trabalho para o desenvolvimento da consciência de classe, de ordem sindical foram dissolvidas e os seus quadros presos ou perseguidos pelo actual governo; o único organismo que resta está perfeitamente enfeudado às directrizes governamentais e como tal a sua acção neste campo é nula. Pode-se ainda falar de um subproletariado, corrente migratória impelida pela fome dos campos para os centros urbanos, que nunca encontrou um emprego estável e vive, em conjuntos habitacionais miseráveis, super-povoados, de empregos de domésticos, prostituição, roubo...;

«O TEMPO E O MODO» N.º 44  
Provas enviadas à Censura em  
12 de ... 1964  
COMISSÃO DE CENSURA  
LISBOA

«sector da população muito sensível à demagogia, terrorismo e «question de couleur» pode ter um papel importante numa luta de libertação sob a condição de ser bem enquadrado».

Situado entre estes dois grupos encontram-se as classes médias que são constituídas por pequenos funcionários, empregados de comércio e proprietários de meios de produção e troca de parte reduzido raramente recorrendo ao trabalho de outrem; esta camada social face ao *statu quo* apresentará partidários dos mais diferentes sectores, apesar de a reivindicação ser a entrada na «caste mulâtre».

François Duvalier, médico, homem de letras, ligado a estudos de folclore, antigo ministro do governo negro de Estimé (governo creditado e saudado com nostalgia pela pequena-burguesia negra) senhor de uma reputação de honestidade e probidade era «eleito» presidente da República do Haiti no Outono de 1957 por um período de 6 anos (em Julho de 1964 uma nova constituição deu a Duvalier o título de «presidente vitalício») depois de uma campanha eleitoral que foi acompanhada de manifestações, greves, bombas, massacres e combates entre facções do exército que se seguiu à queda do governo de Mogloise (legítimo representante da burguesia mestiça e dos interesses dos E. U. A.), que se passou durante uma sucessão de governos provisórios (12-56 — 9-57) que terminaram com um «mandato» de um «comité militar» a quem se deve a «organização» das eleições ganhas por Papa Doc.

Com o desaparecimento de Magloire a batalha política ir-se-ia travar fundamentalmente entre dois grupos: a burguesia, pequena burguesia e oficiais do exército, mestiços que pretendiam a continuação da defesa dos seus interesses, e eram representados por Dejoie e negros burgueses de fresca data, das classes médias e oficiais do exército, cujas aspirações, que se tinham vindo a manter insatisfeitas, eram constituídas por um desejo de admissão aos privilégios da burguesia mestiça misturado com reivindicações bastante vagas de liberdade, democracia, bem-estar e justiça cujas noções eram também muito vagas, tinham a sua representação em Duvalier e Jumelle; este último o facto de ter tido ligações com Magloire desqualificava-o numa luta com Duvalier pelo lugar de «leader» deste segundo grupo. A existência de um pseudo-populista — Figolé —, que controlava parte da juventude, sectores da pequena-burguesia e tinha largas influências sobre os sindicatos operários, nunca teve que ser temida nem por Dejoie ou Duvalier.

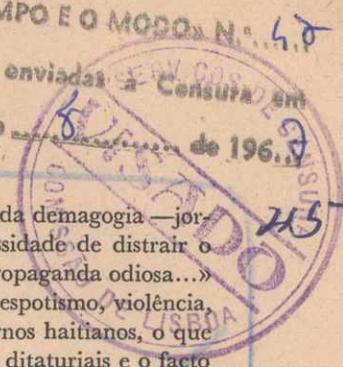
Além da situação de crise política, o país encontrava-se com graves problemas de ordem social, de cuja conjuntura já se falou e à qual se pode juntar a «question de couleur» com todas as suas implicações — identificação dos mulatos com privilegiados, reivindicações em termos racistas, etc. —; no campo económico o aspecto da nação era também semelhante: «marasmo comercial, queda de preços dos géneros de exportação, crescimento rápido da população, aumento do desemprego, diminuição do rendimento agrícola, estagnação da produção, miséria generalizada».

Ora tanto as classes médias no seu conjunto, que se encontravam fundamentalmente interessadas na realização das suas ambições e divididas pelas contradições, como Duvalier em particular não estavam à altura de uma solução revolucionária que se tornava urgente ao conjunto de problemas existentes no Haiti.

O novo governo, cercado pelos vários sectores da oposição, quando a sua incapacidade de resolução das estruturas básicas passou a ser evidente, estava ameaçado ou reduzido a lançar-se na tirania para a sua continuação no poder. Duvalier em breve se via livre da maior parte dos membros, do seu estado-maior político, que lhe poderiam ser mais perigosos que iam sendo exilados e postos em desgraça; e na caça sistemática que ele vai promovendo aos opositores do seu governo assassínios, perseguições, exilamentos, prisões, torturas, todo um conjunto de repressões violentas se tornou vulgar; tão exemplar chefe de governo não se colibiu também de atacar sindicatos, desfazer organizações de carácter democrático e facilitar a exploração do compenizato e especuladores e grandes proprietários. Uma outra

7

4



característica bastante significativa do actual governo é o uso frequente da demagogia — jornais, manifestações, discursos — que se pode traduzir por uma «necessidade de distrair o povo da sua miséria, alimentando-o de ilusões, de promessas vagas, de propaganda odiosa...»

Mas Duvalier não é o inaugurador do poder pessoal, corrupção, despotismo, violência, demagogia, etc., pois estes têm sido desde sempre utilizados pelos governos haitianos, o que há de novo nele são as proporções extraordinárias que deu aos métodos ditatoriais e o facto «de ser substituído as forças tradicionais de repressão e de salvaguarda do regime económico-social (o exército, o clero e a burguesia) pelo seu poder pessoal» pretendendo desta maneira pôr-se ao abrigo de golpes de estado e ser o homem chave da situação face tanto aos priverligiados do regime como aos americanos.

Face à actual situação existem no Haiti várias correntes oposicionistas: uma primeira, que utiliza como instrumento de trabalho o método marxista-leninista representada por dois partidos de carácter comunista e ainda por um outro, em vias de organização, de carácter católico; outra constituída pela «democracia» tradicional à frente da qual estão Magloire e C.ª e altos-graduados do exército que foram perdendo as suas posições ou durante a campanha presidencial de 56-57 ou nos primeiros anos de Duvalier; e ainda uma terceira cujas teses pouco diferem das da corrente anterior. Faz parte do seu programa, além das reivindicações comuns aos dois sectores: reforma da administração, «liberdade» de pensamento e de imprensa, livre iniciativa económica, eleições presidenciais, etc., uma necessidade da participação das massas no exercício do poder político e económico ser feita através de «intelectuais» competentes e referências vagas a uma nacionalização a longo prazo dos complexos industriais, energia eléctrica e bancos propriedade dos E. U. A. Estes homens são na sua maioria de quadros altamente qualificados — antigos professores de universidades, antigos diplomatas, quadros superiores diplomados em ciências humanas ou técnicos—.

Quanto a uma verdadeira solução do problema haitiano, que nas suas linhas gerais pouco difere do problema latino-americano em geral, tanto a história como a realidade são suficientemente esclarecedores acerca de quais são os programas mais urgentes e eficazes que se impõem.

J. F.



A Síria, apoiada pelo progressismo do Oriente Médio, o Iraque e o Egípto, está a servir de testa de ponte ao acto final da queda do ocidente naquela zona do Globo. Saibam os povos limar de vez as gres-tas com que se ferem desastrosamente, e terão lançado o pilar onde poderá assentar finalmente a unificação árabe do Mediterrâneo oriental, se não de toda a costa arábica do Índico.

Este ressurgimento sírio, está nas mãos do exército neo-baasista, o qual, na sua grande maioria, e contra o habitual, vem das classes operárias e do campesinato, não se tendo deixado corromper pela reparti-ção do Bolo da burguesia. Só ele poderá um dia, estar com, mas à frente de, Nasser.

## NASSER UM NASSARISTA

A pedra angular do ressurgimento dos povos do Médio Oriente, foi a abertura do Canal do Suez, obra que imediatamente repôs a rota comercial no oriente, donde os portugueses a haviam tirado no séc. XV. E o primeiro golpe no istmo do Sinai, foi igualmente a primeira pedra para a independência do Egípto.

Quando o ridículo e obscuro rei Faruk começou a desagradar à Casa Branca, a CIA pretendeu conquistar os egípcios, oferecendo-lhe um governo mais decente. Só nunca previu que Mohamed Naguib o escolhido, seria suplantado por Adbel Gemal Nasser, paradoxalmente apoiado pela seita de extrema direita dos «Irmãos Muçulmanos». Sem este sagaz coronel, todo o Médio Oriente teria tomado outro imprivístvel rumo.

Nasser tem sido neutralista tipo, ainda que, visceralmente anti-ocidental. Para Nasser, apenas existe Nasser, O Egípto, ou melhor, o mundo árabe com o Cairo por cúpula, e a barragem de Assuam. Quando os E. U. retiraram o auxílio económico à barragem, pensando ir meter na linha o remitente coronel, jámais previram que o resultado iria ser a expulsão da Companhia Universal do Canal, em 26 de Junho de 1956. (e muito menos, a eminência de uma guerra mundial quando o revanchismo de Israel, apoiado pela França e Inglaterra, optou pela intervenção armada!)» Não teremos jámais neces-sidade de ir mendigar dinheiro a Washington, Londres ou Moscovo» — foi a resposta de Nasser em Junho de 56. (Afirmção pretenhosa, pois foi afinal Bulganin quem o salvou da submersão, ameaçando intervir).

Entretanto, a nacionalização do Suez foi mais que isso. Nela pôs o Cairo a vitória futura do mundo árabe, firme e poderoso em volta da rota do Mar Vermelho, e do nunca desprezível, petróleo. Conjugado este com a unidade do «tushante», e feita a sua saída através de um monopólio, talvez federal, surgiria a RAU como uma autêntica República Árabe Unida. Para tanto, impõe-se o controle de Aden e do vizinho Iémen, e a expropriação das concessões da Anglo Iranian Oil Company, e da IPC. Esta não está já muito longe disso, dados os recentes acontecimentos na Síria e no Iraque e a pasmosa aderência do presidente Rachid Karame do Líbano. Quanto à AIOC, depende do comportamento da Reza Pahlevi.

Nasser, a braços com dificuldades económicas internas cuja resolução se prolongará decerto até à conclusão das obras de Assuan, vê sorrir o futuro. No Iémen, e em Aden, o «Flosy», esquerda revolucioná-ria clandestina, exhibe fotos do presidente egípcio, pintando-o como o chefe ideal do mundo árabe unificado. Grandes dificuldades irão ser as do rei Faiçal até 1968, não só para restaurar a monarquia no Iémen — sonho de obscurantista visionário — mas para chamar a si a gerência da Federação da Arábia do Sul quando Aden for liberta enfim da ocupação britânica.

É bastante crível que então, e só então, o pequenino rei Hussein, o «ultra» Faiçal e o revanchismo israelita, caiam de vez, a bem de uma Paz sã naquela região. Depois só restará Nasser.

B. N.

«O TEMPO E O MODO» N.º... 47

Provas enviadas à Censura em

9 de ~~março~~ 5 de 1967



JOÃO BÉNARD DA COSTA

## EUROPA E O FIM DOS HUMANISMOS

O espírito de Cristo nada tem que ver com estas distinções entre italianos e alemães, franceses e ingleses, ingleses e escoceses. Aonde encontraremos a caridade que nos faz amar nossos próprios inimigos, se uma mudança de nome, um modo de vestir um pouco diferente, um cinto, uns sapatos e outras misérias semelhantes levam os homens a odiarem-se uns aos outros?

ERASMO

Dem das ist Humanismus: Sinnen und Sorgen

HEIDEGGER

### Três histórias e uma só moral

Albert Schweitzer narrou algures uma lenda africana que procura explicar as desigualdades de cor entre os homens. Ao princípio — diz a lenda — todos os homens eram negros. Adão o era e, como Adão, seus filhos, Abel e Caim. Após o crime deste último, o Senhor perseguiu-o e, encontrando-o, perguntou-lhe: «Que fizeste do teu irmão?». Ao ouvir esta pergunta, Caim fez-se branco e a primeira frase que pronunciou nessa qualidade foi a negação famosa: «Porventura sou eu o guarda do meu irmão?». A partir desse momento, passaram os homens a distinguir-se pela cor da pele: a posteridade de Caim tomou a cor branca, a de Abel conservou a negra.

Se esta lenda traduz uma determinada visão que o homem negro tem do homem branco traduz ainda uma situação que, historicamente, se atingiu e que não deixa de se prestar a algumas reflexões. Em pleno século XX,

23

o homem branco — com o europeu confundido — surge perante a opinião judicativa dos outros povos, como réu e como réu culpado. Os seus crimes retiraram-lhe a pigmentação, a sua cor é uma cor de ausência e a única resposta que tem para dar é a imprecisão egoísta. Poucas justificações apresenta, a sua razão de ser e o papel que no mundo possa ainda representar acham-se gravemente comprometidos.

Não é sem razão que, e agora pela própria pena de europeus ilustres, apólogos semelhantes se acham registados. Recordemos apenas o conto de Hermann Hesse em que, após novo dilúvio universal, em nova Arca de Noé, os cinco únicos representantes salvos aos cinco continentes falam das contribuições respectivas dadas à civilização universal. De todos, só um, o europeu nada tem de original a apresentar: de tudo que era alheio se serviu, nada de próprio encontrou ou inventou. Por isso, os outros o lançarão fora da barca. Não estamos muito longe da apóstrofe de Sartre: «*L'Europe est foutue. Uma vérité qui n'est pas bonne à dire, mais dont — n'est-ce pas mes chers co-continentaux? — nous sommes tous entre chair et cuir convaincus*». A prova disso que a Europa está é que o autor do livro, onde Sartre deixou em prefácio as palavras transcritas, não se dá sequer ao trabalho de se dirigir aos europeus: «*On y parle de vous souvent, à vous jamais*»<sup>1</sup>. Para Fanon tornámo-nos «objectos» da história. Com objectos não se fala.

### As palavras e as coisas

Criminosos, egoístas, parasitas, inúteis, objectos da história. Uma tal visão, mais generalizada do que se convém, até pelo que contra ela se luta, donde brota, que raízes encontra? Como aconteceu que o comum orgulho de pertencermos à «mãe das civilizações» se haja transformado no pelourinho onde o que de nós resta se pendura? Que transformação, ou transformações, ditaram esta crise de consciência, se não esta má-consciência? Quem pode ainda, mesmo entre aqueles que a negam, fazer suas as palavras escritas por Hegel há menos de duzentos anos: «*Desde que os navios deram a volta ao mundo, o globo é para os europeus um círculo fechado. O que ainda lhes não pertence, ou não lhes interessa ou ser-lhes-á submetido*»? O mais que os últimos defensores da superioridade europeia alegam em defesa dela<sup>(2)</sup> é o facto dalgumas das suas nações conhecerem, como nunca, uma prosperidade reconfortante, das esta-

(1) FRANZ FANON, *Les Damnés de la Terre*, Ed. Maspero, Paris 1962.

(2) Foram estes os argumentos aduzidos por Denis de Rougemont no artigo «Sartre contre l'Europe», publicado no jornal *Artis*, de 17 de Janeiro de 1962. (Cf. Jean Marie Domenach, «Sartre et l'Europe» in *Esprit*, pp. 454-463, Março 1962.

tísticas apontarem números com tendência a subir em ritmo acelerado, da doce sociedade da abundância descer do lado de lá do Atlântico para inundar com seus frutos as velhas terras dos patrimónios maiusculados. Enquanto se aguarda — dizem-nos — que uma bandeira comum reúna novamente como um só rebanho estas prósperas pátrias em diáspora.

Os argumentos são fracos e estas vozes não calam a perturbação e inquietação patentes com que, pelo menos de há cinquenta anos a esta parte (3), os intelectuais e políticos europeus interrogam a Europa, auscultando o sentido possível que o termo possa ainda conservar, ou buscando fórmulas jurídicas que dêem realidade ao que, até sob essa forma, se vai revelando ficção. Uma longa série de ocios e balofos lugares-comuns é o mais que conseguiram encontrar para opôr um desmentido às teses negativas ou catastrofistas que, já no fim da primeira guerra mundial, Oswald Spengler anunciava, com o misto de lucidez e mistificação que a vocação de Cassandra quase sempre pressupõe.

Compulsemos a título de exemplo o volume dedicado ao primeiro dos Encontros Internacionais de Genebra, que naquela cidade decorreu em 1946, submetido ao significativo tema *O Espírito Europeu* (4). Oscilam as comunicações apresentadas entre o mais apocalíptico pessimismo e a mais duvidosa retórica. Folheando-as, e através do desigual valor de cada uma delas e de nomes tão diversos como Julien Benda, Georges Bernanos, Karl Jaspers, Stephen Spender, Jean Guehénno, Denis de Rougemont, Georg Lukács, em todas encontramos insólitas afirmações demonstrativas do que atrás se vem dizendo. Benda sustenta que «A Europa perdeu a consciência da sua unidade», que deixou de ser «o cérebro dum vasto corpo». Bernanos invectiva-a, achando «que a Europa tem má cara» (...) «se decompõe» (...) «apodrece»; Jaspers alinha uma série de nomes e diz que «a Europa é a Bíblia e a Antiguidade (...) é Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, é Fídias, é Platão e Aristóteles e Plotino, é Virgílio e Horácio e Dante e Shakespeare, é Goethe, Cervantes, Racine e Molière, é Leonardo, Rafael, Miguel Angelo, Rembrandt, Velasquez, é Bach, Mozart, Beethoven, é Sto. Agostinho, Sto. Anselmo, S. Tomás, Nicolau de Cusa, Espinosa, Pascal, Rousseau, Kant, Hegel, é Cícero, Erasmo, Voltaire (...) Rougemont entra em êxtase para proclamar que «a Europa é o pensamento do mundo» e terminar dizendo: «Pensando na Europa e na sua vocação mundial, convido-vos a dizer comigo: «Penso, logo nela existo!»; Guehénno sustenta, na esteira de Valéry, que a Europa é o novo Hamlet; Lukács profetiza um novo mundo e garante que só uma Europa socialista nele sobreviverá. A ilustração propositadamente caricaturiza e basta, pois o que sob a retórica quase se não oculta, é a trágica confusão entre «as palavras

(3) Pelo menos, dizemos. Alexis de Tocqueville não nos deixa mentir.

(4) *O Espírito Europeu*, trad. port. Publicações Europa América, Lisboa, 1962.

25

B

«O TEMPO E O MODO» N.º... 47

Provas enviadas à Censura em 15 de 1967



Os números de Março e Abril de *Encounter*. A destacar no primeiro, um estudo de Henry Kramer, *Intellectuals on Trial* sobre a Inquisição espanhola; no segundo, um artigo de Lowenthal sobre a China; evocação de Oppe haimer e de Toscanini e um anseio sobre a medicina em Inglaterra.

53  
84

Os números de Março e Abril de *Premes*. O conjunto do primeiro é dedicado à revolução chinesa e às modificações dos partidos comunistas ocidentais, dentro da óptica habitual desta revista; o segundo inclui.

Os números de Março e Abril da *Nouvelle Revue Française*. Marcel Jonhandeau dá-nos, mais um testemunho acerca da sua singular experiência humana no número de Março, que inclui ainda colaboração de Le Clézio, André Frénoud, Peter Bichsel e Jean Duvignonoud; o número de Abril é um número histórico: André Breton e o movimento surrealista são analisados, em volume especial 380 páginas, por nomes como Jean Paulhon, Julien Gracq, Mandiargues, Raymond Quenau, Philiphe Soupoult, Roger Coillois, Henri Lefebvre, Michel Butor, Philiphe Jacoltek, Jean Starobinski, Maurice Blanchot, André Masson, Jorge Guillin, Alain Joupproy, Arrobel, Vicente Alexandre, etc., etc. Um número indispensável para qualquer bibliografia sobre o surrealismo.

53

O magnífico número de *Tel Quel*, referente ao Inverno de 1967. Tema: *La Pensei de Sade*. Colaboração, em artigos de nível excepcional, de Roland Berthes, Pierre Klossowski, Philippe Sollers, Herbert Damisch, Michel Tort.

42  
«O TEMPO É O...  
Provas enviadas à Censura em  
de de 196.2



O número 57 de *Diogéne*, com colaboração de alguns nomes centrais do pensamento europeu, e dentro do habitual nível dessa Revista. O número do Inverno de 1967 de *Minerva*. Inclui um notável artigo de Lewes A. Gunni Organizing for Science in Britain.

A revista *The China Quarterly*, que dedica o seu número do Outubro-Dezembro 1966 à revolução cultural chinesa.

O número de Inverno da *Revue Internationale du Socialisme*, dedicado à política alemã resultante da recente coligação.

O notável número 45 de *Freres de Monde*, dedicado aos problemas do marxismo, com a colaboração dos católicos e marxistas (Juan Simonis, R. Domergue, Vander Gucht, Gilbert Mury).

Os números de Março e Abril da *Quinsoine Litteraire*. Os números de Março publicam Jean-Marie Domenach, J. F. Revel, Scott Fitzgerald, Elio Vittorini, Godard. Nos números de Abril podem ler-se entrevistas sobre Masoch (que começa agora a disputar a Sade as colunas das revistas francesas), cinema e literatura e sobre as impressões dum checo acerca do Vietnam e dos U. S. A. e um magnifico artigo de Michel Leiris sobre a Arte Negra.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

Os números de Março e Abril de *Projet*. O primeiro é dedicado às lições francesas e o segundo aos problemas do desenvolvimento. Os números de Março e Abril das *Informations Catholiques Internationales*. Os *Católicos na Índia*, *A Liberdade Religiosa em Espanha*, *A Encíclica Populorum Progressio* são os temas centrais destes fascículos.

54

Os números 62 e 63 de *Meintenant*.  
A propósito da falada crise da fidelidade de  
alguns católicos, o editorial do n.º 62  
adverte-nos que se tem confundido fide-  
lidade com teimosia.

O número 173 de *Économie et Humanisme*,  
que estuda a cibernética e os regimes econó-  
micos. Os números de Março e Abril de  
*Frankfurter Hefte*, revista alemã de cultura e  
política.

O número de Março de *Der Morat*, que  
inclui um desenvolvido estudo sobre Kurt  
Georg Kiesinger, que foi nazi e é agora  
chanceler da chamada democracia da cha-  
mada Alemanha Ocidental.

Os números de Março do semanário  
político italiano, *L'Astrolábio*, de utilíssima  
leitura.

Os números de Março e Abril de *Il Gello*,  
revista católica de muito positiva orientação.

O número do Inverno de 1967 de *Crosscur-  
rents*, revista que agradavelmente destoa do  
*american way of thinking*. Colaboração do  
Bispo Robinson, o famoso autor de *Honest  
to God*, e de outros teólogos conhecidos como  
Joseph Blenkinsopp (que escreve sobre  
clericalismo), Schoonerberg, etc.

Os números de Março e Abril de *El Ciervo*,  
Artigos sobre a emigração, a *Popolorum  
Progressio*, etc.

Os números de Janeiro, Fevereiro, Março  
e Abril da *Revista de Occidente*, uma novidade  
na nossa biblioteca. Artigos de C. H. Townes,  
Thorton Wilder, Sdoador de Madariaga,  
Hannah Arendt, Paulino Carogorri, Wilhelm  
Röpke, etc. confirmam a sólida reputação  
desta revista, fundada por Ortega y Gasset.

Os números 26 e 27 de *Note di Cultura*  
revista italiana.

O número 31 de *Sintese*, revista política  
brasileira

Os números de Março e Abril da *Seava  
Nova*. Neles se comemora o centenário de

«O TEMPO E O MODO» N.º... 62

15  
Provas enviadas à Censura em  
15 de ... de 1967



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
AUTORIZADO COM  
CORTES

55

55

Raul Brandão. No número de Abril podem ler-se ainda valiosos artigos de Rui Grécio e J. Ferreira de Almeida.

Provis<sup>5</sup> enviadas à Censura em  
~~25~~ de ~~1967~~ de 1967

A revista *Vértice* comemora com o seu número 282-283 o vigésimo quinto aniversário duma actividade de primeiro plano na vida pública portuguesa. Saudando-a O TEMPO E O MODO não cumpre um mero dever de cortesia, mas, combatente dum mesmo combate, encontra na heróica continuidade dos nossos camaradas de Coimbra, uma razão de presença e uma razão de esperança.



Os números de Fevereiro de *Estudos* que inclui artigos sobre *A Mulher e a Socialização*, *Liberdade na Igreja*, etc.

Os números 121 e 122 de *Rumo*.

O número referente a Janeiro-Março de 1967 de *Itinerarium*, revista trimestral de cultura publicada pelos franciscanos de Portugal.

O número 5 de *Informação Social*, Revista do Ministério da Saúde. Colaboração de Teresinha Rossi, Manuel Neves e Castro e Paul Chambart de Luwe.

O número de Março de *Encontro*, órgão da J.U.C. e J.U.C.F. que inclui documentação sobre as greves universitárias espanholas, poemas de Sophia Andresen, e um artigo sobre o neutralismo político e confessional das associações de estudantes.

Além destas revistas, recebem-se regularmente *Partisan Review*, *Ciudernos para el Dialogo*, *Mundo Nuevo*, *Apoetes*, *Insula*, *Survey*, *The Nation*, *Newstatermen*, *Newsweek*, *The Eronomist*, *Observer*, *Le Nouvel Observateur* e a edição diária dos jornais *New York Times* e *Le Monde*.

Qualquer dos números das revistas e jornais mencionados, está à disposição dos assinantes que o queiram consultar.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO COM  
CORTES

54 50

TEMPO E O MODO N.º 42

15 5 64



CR<sup>3</sup>TICA DE NOTICIÁRIO

**Se nos deixassem**

E nós, portugueses, também tivemos de pegar em armas e ir defender da cobiça alheia as nossas Províncias de Angola, Moçambique e Guiné. E ainda por cima, exactamente por nos defendermos daqueles que nos atacam, somos acusados, vilipendiados, ameaçados. Há até quem, na Organização das Nações Unidas (que mais não é do que a Organização das Nações Desunidas), tenha afirmado que nós constituímos uma verdadeira ameaça para a paz mundial. Ora vejam bem! Nós, que se nos deixassem pacificamente jogar à bola, petiscar qualquer coisa e beber uns copos de carrascão, viveríamos contentes e felizes, é que vamos pôr o Mundo em pé de guerra! Há cada um!!!!...

*Notícias de Bastos 4-2-967*

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
AUTORIZADO COM CORTES

**Uma história portuguesa**

Tem 31 anos de idade. Toda a sua vida trabalhou no campo. Nasceu em Salvada, Beja, de onde nunca saiu até 8 de Janeiro último. Chama-se José Maria Baía Nené.

~~scribble~~ 76



o sejam e exploram a caridade pública exibindo crianças ao colo ou pela mão que talvez não sejam filhos.

É um espectáculo deprimente, abusivo mesmo, pela insistência com que pedem. E sabemos lá a quem damos a nossa esmola...

Parece-nos que a autoridade devia intervir e enèrgicamente, não permitindo esta avalanche de mendigos que nos «visitam» e se actuasse duas ou três vezes, não seríamos mais importunados por estranhos.

Notícias de Famalicão — 20-1-1967

**O trigo e o joio**

Têm estado a entrar no nosso País, muitos vagões carregados de trigo, proveniente de Espanha.

Devem entrar nas estações de Vilar Formoso, Badajoz e Valência de Alcântara, 350 comboios que transportarão 150.000 toneladas do precioso grão que é o trigo, o trigo que dá pão.

Oxalá que esta grande importação de trigo melhore a composição do pão, do pão chamado de trigo.

A. Rabeca — 30-3-67



**D. Miguel, Salazar e a igreja portuguesa**

Portugal, no século XIX, viveu horas horrorosas, com as invasões francesas e, sobretudo, com a invasão das falsas ideias da Revolução francesa de 1789, e, portanto, do Liberalismo, alimentado pelo Maçonismo: — viveu horas horrorosas de divisão e ódio entre filhos da mesma Pátria, horas horrorosas de guerra fratricida, entre portugueses, uns, fiéis a Portugal, que o defendiam nas suas tradições e na sua Fé cristã, e outros, fiéis à estranha inimiga de Portugal cristão. D. Miguel I era dos que defendiam

79 ~~scribble~~ scribble



Portugal eterno, dos que defendiam a sua Fé, dos que defendiam o Rei como Guardião do bom nome e da independência de Portugal.

«No fundo — dizia o Padre Dr. Mauricio dos Santos, na sua bela oração fúnebre, que há muitas décadas não ouvimos igual — qual foi o grande crime que levou o príncipe cristão à derrota e ao exílio?»

E respondeu: — «O crime imperdoável de querer ser e manter-se, obstinadamente, cristão». «Só cristão?», torna o grande orador sacro a perguntar; e responde: — «Cristão e português».

Ser cristão e português, indefectivelmente, eis, digamos assim, o crime do Senhor D. Miguel I. *Ser cristão e português* é o próprio de Portugal eterno, e, portanto, o próprio de Portugal hoje renascido, mercê de Salazar e de Deus que no-lo destinou. Pois, como também disse, bem clara e nobremente o mesmo orador: — «Que outros sejam como quiserem, mas deixem-nos a nós, portugueses, ser o que somos e como quisermos ser».

Sem dúvida. Muitos outros, de entre os povos europeus e do resto do Mundo, vieram muito depois de nós, *na senda do progresso e da civilização*, ou seja que já cá nos encontraram *sendo cristãos e portugueses*, e missionários de Cristo e da sua Civilização, que é, na História, hoje e sempre, a Civilização pròpriamente dita.

«A nós, vivos, cumpre-nos, apenas, edificados e gratos, nos rastos das pegadas de Suas Majestades, saber continuar, na concórdia e na paz, a missão de Portugal, que foi a sua e é a nossa».

Com o exemplo histórico de D. Miguel I e com o exemplo de Salazar, continuemos o nosso Portugal, paladino e missionário da Fé Cristã; continuemo-lo defendendo do inimigo de sempre.

*Ecos de Extremos* — 23.4.67

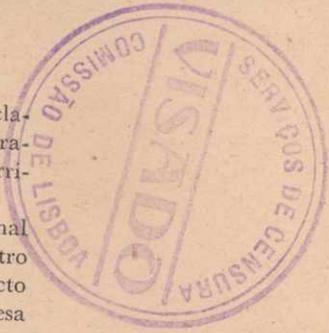
**Portugal e a Suécia**

ESTOCOLMO, 20 — O ministro do

80



15 de 5 de 1967



Comércio da Suécia, Gunnar Lange, declarou hoje que o seu país continuará a trabalhar a favor da independência dos territórios ultramarinos de Portugal.

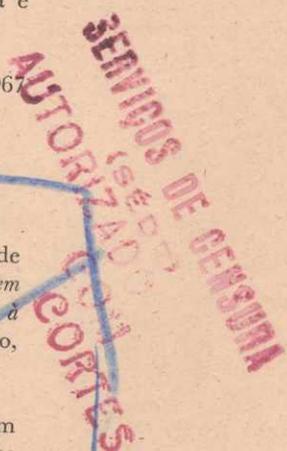
Numa entrevista concedida ao jornal «Arbetey», social democrata, o ministro declarou: «Sinto-me contente pelo facto dos dirigentes da politica externa portuguesa estarem consciente da posição da Suécia».

«A Suécia continuará a trabalhar pelo direito que assiste às colónias portuguesas de decidirem sobre o seu próprio futuro, e apoiará os movimentos africanos de libertação» acrescentou Gunnar Lange.

Estas palavras do ministro sueco constituíram uma resposta às severas críticas feitas à posição assumida pelos suecos contra Portugal, a semana passada, pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Alberto Franco Nogueira.

Noutra passagem da entrevista, o ministro sueco declarou: a política externa portuguesa em nada altera a nossa política ou os nossos pontos de vista. A nossa condenação permanece e continuaremos a apoiar os movimentos de libertação em Angola e Moçambique».

Primeiro de Janeiro — 22-3-967



**A alma portuguesa**

Com este título, insere o jornal A Voz de Loulé de 4 de Abril de 1967, um artigo em que se comenta a reacção de alguns portugueses à peça de Peter Weiss. O Espantalho Lusitano, recentemente apresentada em Estocolmo.

Mas a lição que os Suecos pretendiam dar-nos foi frustrada e umas três dezenas de portugueses que vivem naquele País, ensaiaram um «fim de festa», a seu modo, na última noite da exibição da malograda peça.

Munidos de pós esternotatórios e de garrafinas de mau cheiro, criaram aos assistentes e aos próprios artistas um ambiente

81 [Handwritten scribbles]





de desassossego tal, que toda a representação foi prejudicada pelo ruído dos espirros e pelo insuportável cheirete das garrafinhas de peste, acompanhados de violentos protestos dos portugueses que, por último, invadiram o palco, desfraldaram uma grande bandeira nacional e gritaram vivas a Portugal. (...)

É sempre assim a alma portuguesa unida e coesa para defender o bom home da Pátria onde quer que ele pretenda ser atingido.

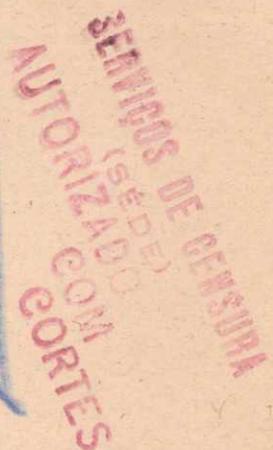
Foi sempre assim. Foi assim na Suécia e bem mais dolorosa e dificilmente em Angola, Moçambique ou Guiné.

*A Voz de Loulé* — 4-4-967

#### Uma carta ao Menino Jesus

«Eu sou pobre, chamo-me Adelino José Soares Pinto, tenho 8 anos e ando na 2.ª classe. Mataram o meu pai em Angola e 14 pessoas de família. Estou a estudar por esmola e a minha professora e os meus colegas é que me vestem. A minha mãe trabalha muito para eu ser homem. Minha mãe trabalha no liceu e não ganha os três meses de férias. Menino Jesus que estás no Céu, ajuda-me com uma bolsa de estudo para eu ser feliz um bocadinho. Se o Menino Jesus me der a bolsa, os meus colegas fazem uma festa. Vou rezar muito para ser sempre bom aluno para dar gosto a quem me ajuda. Beijinhos do Zé.»

*Diário Popular* — 28-12-966



#### David, Golias, o Clero o Vitória e o Sporting

*Transcrevemos, a seguir, na íntegra o lapidar discurso do Padre António Guimarães, que A Bola reproduziu em 15-10-966 e que nos tinha lamentavelmente escapado.*

— A presunção ( vaidade afectação, pedantismo) é um vício que faz que, cheios do

82 ~~30~~ ~~18~~

---

JOÃO BÉNARD DA COSTA

A VIA DIGNA

O muito belo título do segundo filme de Paulo Rocha não pode deixar de ser tristemente aproximado do do primeiro. Quem sobrevive aos verdes anos só pode ter, dans cette terre jaune, notre délice, essa alternativa para opôr à morte lenta e asfixiante que lhe preparam. O mar acabou por devorar uma terra imóvel e concxtrica, sem possibilidades de possível, isto é sem contrapartida ao desespero. Captar em imagens um tempo que só em raptura se redime, vivendo no

SERVIÇOS DE  
(SÉD)  
AUTORIZAÇÃO

NO TEMPO E O MB 97 Nº 37/48

Provas enviadas à Comissão em

24 de 5 de 1967



interior dele, róiado e não re nido, só era artístico — e logo èticamente válido em forma de requiem. Mas para isso era preciso encontrar a liturgia baça desta noite e fugir aos postos decorativos ou èpicos que com ela se não compadecem. O grande mèrito de Paulo Rocha está em tx-lo conseguido. O mais desencantadamente possível, ou seja, levando à Praia do Furadouro como único programa e arte de inventar as personagens

(Pomo-nos de pé com os braços muito abertos e olhos fitos na linha do horizonte Depois chamá-mo-los docemente pelos seus nomes e os personagens aparecem)

à arte de recolher um tempo perdido próprio e um tempo perdido alheio e a arte de um olhar aberto e contemplativo, não interventar e magoado o bastante. E todos eles uma só são.

Se é para que tenhamos pena que uma certa distracção (mas a gente acaba sempre por pensar nos outros) o tenha levado a quebrar o ritmo, por culpa duma montagem que nos melhores momentos é uma forma de pudor, nos piores uma forma de insegurança, mas que sempre nos dá a sensação dum coitus interruptus, é verdade que esse defeito sensível não nos retira a verticalidade dum mergulho a pique na intersecção duma realidade pessoal com uma realidade social a morte ao meio-dia, já que, senhores fantasmas, a vida é má, muito concerto, pouca harmonia.

Podia ilustrar a sequencia da capela — o mais belo momento do cinema portuguxs — a do baile, e do lava-pés. Mas temo que tudo isto seja já pleonástico milhões de berços foram atirados do mar para o deserto. Se era preciso diz-lo, era preciso tx-lo. Paulo Rocha, além disso mostrou-o.

Que se lhe peça que de futuro siga mais dentro na linha mizoguchiana (juncos névoa, tia) que é a sua, parece-me, no fim destas linhas, um pedido útil, racional e salutar. Até porque Mudar de Vida demonstra exemplarmente que o seu autor escolheu a via digna Verdadeiramente.

SERVIÇOS DE CENSURA  
COMISSÃO DE LINGUAGEM  
AUTORIZADO (SEDE) COM CORTES

2

